

A CONTRIBUIÇÃO DO DESENHO INFANTIL NO DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

Juliana Carvalho Assumpção Mendes
jsclmd.1@gmail.com

Palavras-chave: desenho infantil, interpretação dos desenhos, família, escola.

RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar o desenho infantil e suas contribuições para um diagnóstico psicopedagógico. Questionando os diversos tipos de desenho infantil e os possíveis significados que estão ocultos no papel. Apontando para o papel do psicopedagogo nesta análise e os meios como deva ocorrer. Lembrando que o desenho não deve ser analisado de maneira isolado do contexto do educando e a que o psicopedagogo exerce influência sobre seu diagnóstico caso formule de imediato idéias pré-concebidas antes mesmo de uma série de sessões de atendimento.

INTRODUÇÃO

O desenho faz parte do nosso processo de maturação em todos os seus aspectos: cognitivo, afetivo e social. Ele nos acompanha a milhares de anos. Os povos de antigamente representavam os acontecimentos através dos desenhos. Neles estavam impressas informações da época, dos povos, dos costumes e subliminarmente do próprio produtor do desenho.

Com as crianças não é diferente. Através de alguns traços elas transmitem informações valiosas que verbalmente, muitas vezes por conta da idade ou do seu superego não são capazes de dizer.

Ao desenhar a criança exterioriza seus sentimentos e seus pensamentos. Diferente de brincar sozinha, desenhar permite que a criança fique mais compenetrada. Dessa maneira sua história vai sendo contada.

As primeiras manifestações das crianças são também sua primeira forma de escrita. Ela registra por pura necessidade natural a fase em que está. O ato de desenhar proporciona à criança o ato de se desenvolver emocionalmente, e o seu envolvimento com o trabalho deixa transparecer o prazer experimentado, enquanto registra suas emoções graficamente.

Por isso o desenho e a o ato de desenhar por parte da criança está carregado de significados. São estes significados e sua importância no processo psicopedagógico que serão relatados ao longo do texto. As contribuições, os temores, os bloqueios que podem estar impressos no papel através de um desenho infantil. Toda criança desenha. Suas produções relatam muito sobre si. Através desse olhar aprimorado do psicopedagogo, este profissional poderá contribuir para o desenvolvimento cognitivo-afetivo do indivíduo.

O relacionamento com seus familiares é retratado

em seus desenhos, assim como a sua visão de mundo está intrínseca em suas produções. O carinho recebido ou a falta deste é claramente mostrado e de maneira emocionante. O sentimento em forma de símbolo aparece em cada traço e em cada cor escolhida. Podemos observar que quando está zangada ou magoada com alguém, a criança omite de seu desenho ou desenha este alguém "feio". Nessas situações pode aparecer seres maus, demônios ou personagens de histórias, neste caso o vilão ou vilã que na realidade fazem parte de sua vida.

Pessoas diferentes não vivem a mesma vida, não sentem as mesmas emoções. O sentimento vem de dentro, e quando a criança desenha ela representa sua opinião. Tudo o que lhe agrada e o que lhe desagradava é transferido para o papel. Um exemplo disso são as cores e o simbolismo utilizado para retratar a sua escola. Cores escuras que na maioria das vezes é representado por um castelo dos horrores ou uma prisão. Neste caso provavelmente a criança apresenta dificuldade de ir a escola ou então quando não gosta de ir. Muitas vezes isso ocorre porque a criança não se adapta a escola/professora. Suas regras, seu excesso de conteúdos e a obrigatoriedade dos pais são cumpridas de forma exaustiva e com desagrado por parte do educando. Nestas situações a escola deve valorizar as criações artísticas dos seus alunos tanto quanto os outros conteúdos. Normalmente o que acontece é a oportunidade de desenhar após todo o conteúdo ter sido dado. Somente em horas vagas. A Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner (1985) contribui com essa premissa. Nesse estudo, Gardner (1985) identificou algumas competências intelectuais. São elas: lingüística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Essas competências atuam de maneira independentes, mas são interligadas entre si. "As inteligências são concomitantes, interligadas e independentes, autônomas e auto-aférentes, apresentam alguns aspectos em comum e cada uma possui a sua própria estrutura e seus próprios mecanismos de ordenação". (GARDNER, 1994, PG.45). Por isso a Arte tem seu espaço na Educação e deve ser valorizado.

Se a criança desenha para contar sua história encontramos aquela que não desenha para que não possa contar. O que se pode perceber é que no ato de desenhar, pensamento e sentimento estão ligados. Mas é possível constatar que crianças com algum comprometimento cognitivo apresentam acentuado comprometimento no desenho.

O desenho como possibilidade de brincar, o desenho como possibilidade de falar, marca o desenvolvimento da infância e os estágios em que as crianças se

encontram, assumindo um caráter próprio. Este estágio define maneiras de desenhar que são similares em todas as crianças, apesar das características particulares de cada indivíduo. Para Piaget: (1970) "o sujeito epistemológico é o mesmo em todas as culturas."

1- EM UMA ANÁLISE PIAGETIANA

1.1 Garatuja: Faz parte da fase sensório motora (0 a 2 anos) e parte da fase pré-operacional (2 a 7 anos). A criança demonstra extremo prazer nesta fase. A figura humana é inexistente ou pode aparecer da maneira imaginária. A cor tem um papel secundário, aparecendo o interesse pelo contraste, mas não há intenção consciente. Pode ser dividida em:

- Desordenada: movimentos amplos e desordenados. Com relação a expressão, vemos a imitação "eu imito, porém não represento". Ainda é um exercício.

- Ordenada: movimentos longitudinais e circulares; coordenação viso-motora. A figura humana pode aparecer de maneira imaginária, pois aqui existe a exploração do traçado; interesse pelas formas (Diagrama).

Aqui a expressão é o jogo simbólico: "eu represento sozinho". O símbolo já existe. Identificada: mudança de movimentos; formas irreconhecíveis com significado; atribui nomes, conta histórias. A figura humana pode aparecer de maneira imaginária, aparecem sóis, radiais e mandalas. A expressão também é o jogo simbólico.

1.2 Pré- Esquematismo: Dentro da fase pré-operatória, aparece a descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. Quanto ao espaço, os desenhos são dispersos inicialmente, não relaciona entre si. Então aparecem as primeiras relações espaciais, surgindo devido à vínculos emocionais. A figura humana, torna-se uma procura de um conceito que depende do seu conhecimento ativo, inicia a mudança de símbolos. Quanto a utilização das cores, pode usar, mas não há relação ainda com a realidade, dependerá do interesse emocional. Dentro da expressão, o jogo simbólico aparece como: "nós representamos juntos".

1.3 Esquematismo: Faz parte da fase das operações concretas (7 a 10 anos). Esquemas representativos, afirmação de si mediante repetição flexível do esquema; experiências novas são expressas pelo desvio do esquema. Quanto ao espaço, é o primeiro conceito definido de espaço: linha de base. Já tem um conceito definido quanto a figura humana, porém aparecem desvios do esquema como: exagero, negligência, omissão ou mudança de símbolo. Aqui existe a descoberta das relações quanto a cor; cor-objeto, podendo haver um desvio do esquema de cor

expressa por experiência emocional. Aparece na expressão o jogo simbólico coletivo ou jogo dramático e a regra.

1.4 Realismo: Também faz parte da fase das operações concretas, mas já no final desta fase. Existe uma consciência maior do sexo e autocrítica pronunciada. No espaço é descoberto o plano e a superposição. Abandona a linha de base. Na figura humana aparece o abandono das linhas. As formas geométricas aparecem. Maior rigidez e formalismo. Acentuação das roupas diferenciando os sexos. Aqui acontece o abandono do esquema de cor, a acentuação será de enfoque emocional. Tanto no Esquematismo como no Realismo, o jogo simbólico é coletivo, jogo dramático e regras existiram.

1.5 Pseudo Naturalismo: Estamos na fase das operações abstratas (10 anos em diante) É o fim da arte como atividade espontânea. Inicia a investigação de sua própria personalidade. Aparece aqui dois tipos de tendência: visual (realismo, objetividade); háptico (expressão subjetividade) No espaço já apresenta a profundidade ou a preocupação com experiências emocionais (espaço subjetivo). Na figura humana as características sexuais são exageradas, presença das articulações e proporções. A consciência visual (realismo) ou acentuação da expressão, também fazem parte deste período. Uma maior conscientização no uso da cor, podendo ser objetiva ou subjetiva. A expressão aparece como: "eu represento e você vê" Aqui estão presentes o exercício, símbolo e a regra.

É possível notar que a figura humana está presente em todas as fases do desenho é representado por crianças de diferentes culturas. Acompanhando as fases do desenho notamos que ao final de três anos o signo do boneco girino, estará presente nas suas produções. Entretanto a criança tende a retratar as partes de seu interesse: a cabeça com boca e olhos que é por onde come, fala, vê, ouve, pensa e as extremidades com as quais se move e brinca. Algumas vezes aparecem as orelhas pois é por onde ouve ressaltada já que sua curiosidade é imensa. Ao longo do tempo, por volta dos 5 anos, evidencia-se os olhos e a boca no rosto evidenciando o seu desejo de comunicação e contato. A relação espacial também deve ser observada. Quem ou o que se considera mais importante será desenhado maior do que o resto. A criança "carrega" no seu desenho tudo aquilo que conhece do objeto que está sendo simbolizado graficamente. A partir dos seis anos a criança tenta desenhar as vestimentas na figura humana. Isso se dá devido ao fato das diferenças sexuais. A partir dos 8 anos a criança aprimora cada vez mais seu desenho e as figuras de pessoas que são produzidas serão cada vez mais inseridas em um contexto social. Surgem então as profissões para os personagens

A observação de um desenho sem idéias pré-

concebidas pode ser uma tarefa difícil, mas devemos aceitá-lo como é e investigar o lugar que ocupa na vida da criança produtora do desenho. Devemos nos ater as nossas pré-concepções para que não possamos exercer influência, opinando e expondo nossa idéias. A criança é a melhor interprete das suas criações e dos eventos de sua vida que estão implícitos nos seus desenhos. Assim como o conteúdo do desenho informa algo sobre a criança, a singularidade dessa criança também informa algo sobre esse desenho. Este processo é recíproco. Quando uma criança desenha, intervêm vários aspectos:

-Maturativo: implica a base genética e neurológica para o desenvolvimento de atividades mentais e motoras;

-Cognitivo: implica a existência do campo existencial em combinação com processos neurológicos e psicológicos para o alcance de capacidades, aprendizagens, habilidades, atitudes, etc.

-Emocional/ Afetivo: implica a elaboração e expressão de sentimentos, emoções, necessidades, desejos, conflitos, etc.

No entanto, é preciso ter sempre presente que apenas um desenho nunca pode expressar a totalidades dos elementos de que necessitamos para uma interpretação confiável. Para tentarmos entender melhor o universo infantil muitas vezes buscamos interpretar os seus desenhos, devemos, porém lembrar que a interpretação de um desenho isolada do contexto em que foi elaborado não faz sentido. Deixar que a criança desenhe livremente, de maneira independente e autônoma é deixar que ela se desenvolva harmoniosamente com o seu meio. Não podemos nos esquecer disso e o quanto isso contribui para sua formação Cf. SAMPAIO, Simaia. Manual prático do diagnóstico pedagógico clínico, p.102.

2- FORMAS DE INTERPRETAÇÃO DO DESENHO INFANTIL

Existem algumas pistas que podem orientar os pais sobre o que diz o desenho do seu filho. No entanto, são puramente orientações, os pais não devem tentar avaliar seus filhos por meio dessas informações. Os pais possuem uma relação direta com a criança e, além disso, muitas vezes não possuem a formação necessária para tal procedimento. Segundo a especialistas canadense, o desenho diz muitas coisas. Exemplos:

2.1 Posição do desenho – Todo desenho na parte superior do papel, está relacionado com a cabeça, o intelecto, a imaginação, a curiosidade e o desejo de descobrir coisas novas. A parte inferior do papel nos informa sobre as necessidades físicas e materiais

que pode ter a criança. O lado esquerdo indica pensamentos que giram em torno ao passado, enquanto o lado direito, ao futuro. Se o desenho se situa no centro do papel, representa o momento atual.

2.2 Dimensões do desenho - Os desenhos com formas grandes mostram certa segurança, enquanto os de formas pequenas parecem ser feitas por crianças que normalmente precisam de pouco espaço para se expressar. Podem também sugerir uma criança reflexiva, ou com falta de confiança.

2.3 Traços do desenho - Os contínuos, sem interrupções, parecem denotar um espírito dócil, enquanto o apagado ou falhado, pode revelar uma criança um pouco insegura e impulsiva.

2.4 A pressão do desenho - Uma boa pressão indica entusiasmo e vontade. Quanto mais forte seja o desenho, mais agressividade existirá, enquanto as mais superficiais demonstra falta de vontade ou fadiga física.

2.5 As cores do desenho – O vermelho representa a vida, o ardor, o ativo; o amarelo, a curiosidade e alegria de viver; o laranja, necessidade de contato social e público, impaciência; o azul, a paz e a tranquilidade; o verde, certa maturidade, sensibilidade e intuição; o negro representa o inconsciente; o marrom, a segurança e planejamento. É necessário acrescentar que o desenho de uma só cor, pode denotar preguiça ou falta de motivação Cf. ZEVALLOS, Pablo. Como interpretar os desenhos das crianças. <http://br.guiainfantil.com/desenho-infantil/210-como-interpretar-os-desenhos-das-criancas.html>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado para a elaboração do presente artigo nota-se o quanto são importantes as produções artísticas das crianças. Através dos seus desenhos elas transmitem informações pertinentes sobre seu contexto social, suas dificuldades, desejos e opiniões a respeito do mundo o qual ela observa.

Os desenhos estão carregados de informações que contribuem para uma análise e um possível diagnóstico por parte do psicopedagogo. Este não deve ater-se somente aos desenhos, eles devem servir como complementos, que juntamente com outros testes e/ou entrevistas somam e refletem em um provável diagnóstico.



Juliana Carvalho Assumpção Mendes
jsclmd.1@gmail.com

Pedagoga, Psicopedagoga, Especialista em educação , artes visuais para a Diversidade e Cidadania. Atualmente professora pela Prefeitura de São Paulo desde 2009; tendo atuado na Educação de Jovens e Adultos nos anos e 2009 e 2010.

CANO, Manoel S. Bonals, Joan. Avaliação Psicopedagógica. São Paulo: ARTMED, 2008.

SAMPAIO, Simaia. Manual prático do diagnóstico pedagógico clínico. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2009.

Gardner, H. Estruturas da Mente: a Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994b

ZEVALLLOS, Pablo. Como interpretar os desenhos das crianças. <http://br.guiainfantil.com/desenho-infantil/210-como-interpretar-os-desenhos-das-criancas.html> Acesso em 01 março 2010.

